
O DIREITO AO TRABALHO - UM INSTRUMENTO NO PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DO MANICÔMIO EM SANTOS, SÃO PAULO

FERNANDA NOGUEIRA *

NOGUEIRA, F. O direito ao trabalho - um instrumento no processo de desconstrução do manicômio em Santos, São Paulo. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.8, n.1, p.53-6, jan./abr., 1997.

RESUMO: Desde maio de 1989, quando da intervenção municipal na Casa de Saúde Anchieta, em Santos, São Paulo, vêm se construindo projetos terapêuticos para os usuários do Programa de Saúde Mental da Secretaria de Higiene e Saúde do município, no sentido de restituir-lhes direitos até então sequestrados, entre eles o direito ao trabalho. Trabalho entendido enquanto instrumento para reconstrução de subjetividades, enquanto ponto de partida para a produção de valores como autonomia, auto-estima, ampliação do poder contratual. A Unidade de Reabilitação Psicossocial é responsável por viabilizar projetos de trabalho para grupos de usuários que tenham real inserção na cidade, seja através da prestação de serviços, da produção e comercialização de bens de consumo, da parceria com outras instituições. A partir dessas experiências de trabalho, refletindo a necessidade de organização dos usuários-trabalhadores, nasce a Cooperativa Mista Paratodos, espaço de produção, de relação, de assunção de novas responsabilidades e riscos.

DESCRITORES: Desinstitucionalização, tendências. Centros de reabilitação. Terapia Ocupacional, tendências. Política de saúde, tendências. Administração municipal. Saúde mental.

“Sabe-se - não se sabe o suficiente - que os hospícios são pavorosos cárceres onde os detentos fornecem uma mão-de-obra gratuita e cômoda, onde os suplícios são a regra, e isso é tolerado pelos senhores. O hospício de alienados, sob o manto da ciência e da justiça, é comparável à caserna, à prisão, à masmorra.” (ARTAUD)¹

Outubro de 1995. São mais de seis anos de intervenção na Casa de Saúde Anchieta. Período de construção de um programa de atenção à saúde mental que busca enxergar

o usuário dos serviços como cidadão, oferecendo-lhe instrumentos para a retomada de seu nome e seu lugar em contraposição à anomia historicamente construída, assessorando-o na elaboração de um projeto de vida, na organização de seu dia-a-dia fora da instituição asilar. Com este enfoque são criados os Núcleos de Atenção Psicossocial, (NAPS) espaços de atenção integral, funcionando 24 horas por dia, todos os dias. Com a perspectiva de promover esse processo de desinstitucionalização são realizadas, ainda no interior do hospital, experiências de trabalho que possam “*capacitar e criar bases de sustentação dos*

* Terapeuta Ocupacional da Unidade de Reabilitação Psicossocial - Programa de Saúde Mental de Santos.

Endereço para correspondência: Fernanda Nogueira, Rua Armando de Sales Oliveira, 12, ap. 7. 11050-070. Santos, SP.

usuários na comunidade” (SANTOS. SECRETARIA DE HIGIENE E SAÚDE. UNIDADE DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL)⁵. Essas experiências se opõem frontalmente àquelas propostas pelas instituições manicomialis: as atividades de regulação e manutenção da ordem institucional:

“Essas atividades não criavam uma situação de trabalho real, mas eram parte do sistema de controle e reificação inerentes à estrutura institucional” (BARROS, 1994, p.95)².

Restituir ao usuário o direito à liberdade. Criar condições concretas, condições materiais de reconstrução da vida fora da instituição. Restituir-lhe o direito ao trabalho :

“Trabalho entendido não apenas como prática de “normalização” e, portanto, expressão necessária da produtividade, mas como resposta a uma necessidade de reprodução subjetiva, enquanto produtividade social, enquanto meio para a reconstrução de uma identidade em relação a uma capacidade de troca. Então, trabalho significa possibilidade de valorização e expressão da subjetividade de cada um e da troca entre diversas experiências que se arriscam” (DELGUIDICE e COGLIATI apud BARROS, 1994, p.96)².

Dessa forma, no caminho da construção da cidadania visceralmente ligada à desconstrução do manicômio, o trabalho não é mais *“base do funcionamento asilar”* (BIRMAN)³. Pelo contrário, ele é instrumento de desmontagem desta instituição, visto que é um dos recursos que fortalece o processo de transformação da condição de paciente - *“um ser-em-falta relativamente ao sistema normativo”* (BIRMAN)³ para a condição de usuário, trabalhador, potencial construtor de sua vida, sua casa, suas relações.

UM PONTO DE PARTIDA

Em maio de 1992 é criada a Unidade de Reabilitação Psicossocial (URP) com o papel de estimular, produzir, investir em experiências de trabalho para grupos de usuários; experiências que produzam valores como autonomia, auto-estima, aumento do poder social e contratual, ampliação da rede social. Nesse sentido a URP oferece aos usuários encaminhados pelos NAPS a participação em projetos de trabalho.

São projetos organizados em parceria com outras instituições, como por exemplo o *“Projeto Lixo Limpo”*, realizado através de um convênio entre a Casa de Saúde Anchieta e a Prodesan (empresa responsável pela limpeza urbana) em parceria com a Secretaria de Meio Ambiente. Em 1990 havia sido implantada em Santos a coleta seletiva de material reciclável, com a proposta de oferecer à cidade melhoria da condição de vida, chamando a atenção da população para a questão da reciclagem, possibilitando o prolongamento da vida útil do aterro sanitário. Participando desta proposta, usuários do Programa de Saúde Mental e ex-moradores de rua atendidos pela Secretaria de Ação Comunitária fazem a separação do material coletado, sendo remunerados com bolsas de trabalho.

Há também projetos oferecidos a uma clientela específica, como no caso do Projeto Terra. Empresários que participam do programa municipal *“Adote uma Praça”* responsabilizam-se pela manutenção da praça adotada e contratam os serviços oferecidos pelos usuários do Projeto. Além disso, o grupo mantém no Jardim Botânico da cidade uma estufa para produção e comercialização de plantas.

Há ainda projetos que têm um funcionamento menos relacionado com instituições e/ou empresas, dependendo de encomendas ou da venda avulsa de seus produtos. Assim é, entre outros, o Projeto

Marcenaria, que confecciona e reforma móveis sob encomenda e produz e comercializa objetos artesanais em madeira.

É importante esclarecer que os vários projetos de trabalho têm hoje um formato bastante diferente do que quando se iniciaram, acompanhando as conquistas dos usuários-trabalhadores como capacitação, qualidade na prestação de serviços, maior autonomia, atendendo também às exigências do mercado para viabilização de ganhos concretos e promovendo discussões com os parceiros e a comunidade que possam gerar transformações culturais que questionem qualquer forma de exclusão.

Esse processo de reconstrução de subjetividades, de produção de desejos, de elaboração de projetos de vida é rico em movimento e complexo em ações.

Muitas vezes, despir-nos da camisa-de-força que nos limita à cultura manicomial é dolorido, bastante difícil. O manicômio diz “*presente*”, não nos limites existentes nas chamadas novas instituições, mas nas respostas que damos para justificar esses limites, ou, na falta delas, no diagnóstico que fazemos de algum usuário “*inadequado*” às propostas que os serviços oferecem. “*Quem deve se adequar?*”, pergunta SARACENO⁶. É o usuário? Ou devem os serviços criar outras possibilidades de atenção?

UM CAMINHO POSSÍVEL

Pensando conjuntamente em respostas aos limites dos projetos oferecidos pela Unidade de Reabilitação Psicossocial, à realidade do mercado de trabalho que restringe cada vez mais a participação dos trabalhadores, e pensando ainda fortemente nas conquistas obtidas e a se obter com a organização dos usuários-trabalhadores em projetos de ação coletiva, foi construída a Cooperativa Mista Paratodos, cuja perspectiva:

“... é, sobretudo, a produção de um espaço de produção e ampliação da rede relacional no terreno contraditório da inserção” (NICÁCIO, 1994, p.135)⁴.

Inicialmente com muita dificuldade pela geral falta de conhecimento do tema, instalaram-se discussões em assembleias, em grupos de trabalho, em espaços de estudo para entender o que é, como se constrói, qual a proposta da cooperativa. Através de aproximações, troca de informações com outros campos que não o específico da Saúde Mental (estavam em formação em Santos a Cooperativa da Construção Civil e a Cooperativa das Costureiras), foi elaborado por um grupo de usuários e trabalhadores o Estatuto da Paratodos. Dando sequência ao processo foi formada a diretoria, eleita em outubro de 1994, data de fundação da Cooperativa Paratodos. A partir de então, deu-se o processo de registro na Junta Comercial do Estado de São Paulo.

Nesse caminhar com idas e vindas, os usuários-trabalhadores vêm construindo o papel de cooperados, tomando para si responsabilidades antes assumidas pelos trabalhadores que assessoram o projeto. Fica assim também mais clara a necessidade de assumir os riscos propostos por esta experiência. Como diz NICÁCIO (1994, p.134)³:

“A Cooperativa Paratodos, como mais uma estratégia no processo de emancipação, coloca novamente o risco - se, por um lado traduz a superação das contradições da lógica custodial, por outro se propõe a confrontar novas contradições, aquelas da trama social. Paratodos é um novo desafio, mais uma vez no campo da “possibilidade real”, da “utopia do factível”, da “prática da utopia”.

NOGUEIRA, F. O direito ao trabalho - um instrumento no processo de desconstrução do manicômio em Santos, São Paulo. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.8, n.1, p.53-6, jan./abr., 1997.

NOGUEIRA, F. The right to work - an instrument in the process of dissolution of asylum in Santos, São Paulo. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.8, n.1, p.53-6, jan./abr., 1997.

ABSTRACT: Since May 1989, when the municipal intervention took place in Casa de Saúde Anchieta, in Santos, State of São Paulo, therapeutic projects have been elaborated for the patients of the Mental Health Programme sponsored by the Health Department, aiming at restituting them their rights that were withdrawn, among which, the right to work. Work understood as an instrument of reconstructing subjectivities, as a starting point for the production of values such as autonomy, self-esteem, increase of negotiation power. The Psycho-Social Rehabilitation Unit is responsible for turning work projects actually inserted in the city into reality for groups of users, such as service rendering, production and commercialization of goods, partnership with other institutions. Starting with these experiences and reflecting the need of organization of these users- workers, Cooperativa Mista Paratodos is created - a space of production, to enhance relationships, to undertake new responsibilities and risks.

KEYWORDS: Deinstitutionalization, trends. Rehabilitation centers. Occupational therapy, trends. Health policy, trends. Municipal management. Mental health.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ARTAUD, A. Carta aos médicos chefes dos manicômios. In : DELGADO, J., org. *A loucura na sala de jantar*. São Paulo : Resenha, 1991. p. 97-8
2. BARROS, D. *Jardins de Abel: desconstrução do manicômio de Trieste*. São Paulo : EDUSP, 1994. 155p
3. BIRMAN, J. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro : Graal, 1978. 453p.
4. NICACIO, F. *O processo de transformação da saúde mental em Santos: desconstrução de saberes, instituições e cultura*. São Paulo, 1994. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
5. SANTOS. SECRETARIA DE HIGIENE E SAÚDE. UNIDADE DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL. *Documento básico*. Santos : A Secretaria, 1994.
6. SARACENO, B. Reabilitação psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. In : PITTA-HOISEL, A., org. *Reabilitação psicossocial no Brasil*. São Paulo : Hucitec, 1996. p. 13-8.